

## A PRÁTICA DOCENTE COM USO DOS SABERES POPULARES NO ENSINO DE GEOGRAFIA.

YAGO JACONDINO. NUNES<sup>1</sup>; JACKSON CRIZEL<sup>2</sup>; RAFAEL MARTINS DUARTE<sup>3</sup>; LIZ CRISTIANE DIAS<sup>4</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – yagojacondino@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas jacksoncrizel@gmail.com*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas – rafaelmduarte96@gmail.com*

<sup>4</sup>*Universidade Federal de Pelotas - lizcdias@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

O presente relato, vem abordar uma atividade aplicada pelo grupo de bolsistas e voluntários do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência de Geografia, a proposta foi aplicada em 2019 no evento do curso de Geografia da Universidade Federal de Pelotas, aos participantes da “8<sup>a</sup> Semana Acadêmica da Geografia, e “6<sup>a</sup> Mostra e Seminário PIBID Geografia”. Aonde pôde-se evidenciar a prática de uma oficina realizada no evento, intitulada: “Desenvolvendo o conhecimento prático: Um ensaio sobre astronomia”.

A proposta deste trabalho apresenta a orientação dada no desenvolvimento dessa oficina, que pretendeu dar um pensamento diferente na aplicação de uma prática voltada a astronomia, assim sendo, buscou-se vertentes culturais dentro da Geografia física a fim de elucidar esses conhecimentos de modo a propiciar um saber que permita identificar contextos da área dentro de contos e mitos. A atividade foi apresentada para os graduandos do curso de Licenciatura e Bacharelado em Geografia.

É de importância vital que o Geógrafo, sendo ele Licenciando ou Bacharel, consiga identificar estes contos e mitos, e buscar um raciocínio geográfico por trás destes saberes, a fim de aproximar o saber popular, do acadêmico tendo como pano de fundo os contos, sendo possível, desta forma desenvolver e instigar o pensamento crítico, partindo do conhecimento popular sobre estes fenômenos. Para o desenvolvimento deste trabalho, trouxemos os seguintes autores: Lana de Souza Cavalcanti e Sonia Castellar.

### 2. METODOLOGIA

A oficina foi dividida em momentos distintos, sendo que no primeiro momento os pibidianos separaram contos e mitos ligados a astronomia, aos astros, a rotação e a translação e as fases da Lua. Estes contos foram distribuídos entre os discentes ali presentes, então foi solicitado que os mesmos analisassem estas produções, bem como refletirem acerca das diferentes representações culturais e linguagens de representatividade, como afirma Castellar (2017, p. 227): “Os estudantes observam o mundo por meio de outras linguagens, estão interconectados, [...] mas os currículos escolares oferecem poucas possibilidades conhecer a realidade.” Logo começou uma explanação teórica, voltada a uma perspectiva da Geografia física, sobre os contos que entregamos para os alunos.

Em um segundo momento, os discentes que participavam da oficina dirijiram-se até a frente da turma para evidenciar alguns fenômenos, onde buscamos trazer metodologias que trabalhassem de forma lúdica. Foi apresentada uma representação da incidência de luz solar na Terra e as fases da lua. Nesta representação a Lua foi apresentada com uma bola de isopor, com uma lanterna

representamos o Sol e um voluntário participante da oficina passou a ser o planeta Terra. O intuito foi o de elucidar para os presentes na oficina, e o movimento de rotação, translação e as fases da Lua.

Posteriormente foram trabalhados conceitos da astronomia e então solicitou-se aos alunos que se reunissem em grupos e discutissem, a partir de uma concepção geográfica, os contos que foram entregues a eles, assim buscando instigar o raciocínio geográfico sobre esses temas.

Por fim, após a explicação de como desenvolver um mapa conceitual, solicitamos aos presentes o desenvolvimento do mesmo individualmente, com a finalidade de avaliar a atividade, e de maneira mais explícita evidenciar o que foi aprendido no decorrer da oficina, para que tivéssemos este feedback da atividade, e promover o seu aprimoramento em oportunidades futuras.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Oficina teve um parecer positivo quanto a sua aplicação na Semana Acadêmica do curso, para alguns dos alunos, especialmente do início do curso, foi o primeiro contato com o tema no meio acadêmico. No decorrer da atividade, em que os graduandos tiveram que apresentar uma explicação geográfica para seus contos, foi perceptível que a maioria conseguiu desenvolver este raciocínio e trouxe uma explicação razoável para o mito. Alguns não souberam reconhecer a representatividade cultural daquele conto, mas junto a eles desenvolvemos estás ideias e solucionamos as dúvidas que surgiram.

No que diz respeito a atividade lúdica desenvolvida com os participantes é importante ressaltar que práticas como essa, promovem o envolvimento e o diálogo, e de acordo com Cavalcanti são essenciais, uma vez que não cabe apenas ao professor:

[...] selecionar e organizar criteriosamente os temas a serem trabalhados, mas também expor aos alunos, com clareza, a relevância desses temas. Por outro lado, é também importante entender que as relações estabelecidas entre professores e alunos não são puramente cognitivas e racionais, nem estão pré-estabelecidas e garantidas pelos papéis que cada um cumpre no processo. Relações abertas, dialógicas, negociadas, sem papéis sociais/profissionais cristalizados e fechados são de fundamental importância para a motivação. (CAVALCANTI, 2010, p. 1-2)

O feedback dado a partir dos mapas conceituais demonstrou que a atividade teve impacto positivo, ademais os participantes solicitaram que a explicação teórica pudesse ser trabalhadas de formas mais lúdicas, ficando como sugestão para as próximas aplicações da oficina o trabalho com recursos áudios visuais.

### 4. CONCLUSÕES

A atividade se mostrou gratificante em sua aplicação, atingindo os pontos esperados, contudo ainda está em desenvolvimento para que em suas futuras edições seja aprimorada de acordo com as avaliações. No entanto, é importante reiterar a necessidade e a importância de se trazer aspectos culturais para o contexto da sala de aula, e mostrar que é possível através do conhecimento desenvolvido pelo discente, trabalhar aspectos geográficos.

### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARIA VENZELLA CASTELLAR, Sonia. Cartografia Escolar e o Pensamento Espacial: Fortalecendo o Conhecimento Geográfico. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 7, n. 13, p. 208-232, jun. 2017. Disponível em: <http://revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/494/236>. Acesso em: 10 ago. 2019.

CAVALCANTI, Lana de Souza. A Geografia e a Realidade Escolar Contemporânea: Avanços, Caminhos, Alternativas, In: **Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – Perspectivas Atuais**, Belo Horizonte, novembro de 2010.